



EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO: ROUSSEAU E A FORMAÇÃO DO EMILIO

Sandra Conceição Gonçalves Maia¹; Reginaldo Aliçandro Bordin²

RESUMO: O objetivo deste texto é o estudo da relação entre o conhecimento e a educação em Jean-Jacques Rousseau, um dos filósofos iluministas mais influentes do início da contemporaneidade. Suas obras, escritas pouco antes da Revolução Francesa (1789), são retomadas constantemente pela pesquisa acadêmica porque seu autor procurou responder às mais variadas questões humanas, entre as quais a do conhecimento e da educação. No que diz respeito ao conhecimento, esse filósofo procurou questionar o inatismo e propôs a experiência como meio de conhecimento. Na relação com a educação, Rousseau entendeu que a formação da criança não deve ser sustentada no uso de raciocínios complexos, mas na experiência com a natureza, valorizando a espontaneidade. Para o entendimento da relação entre conhecer e educar, esta pesquisa propõe-se a estudar Rousseau a partir do livro *Emílio*, relacionando-o com as condições materiais da época de seu autor. Espera-se, com esse estudo, instigar a reflexão filosófica e aprimorar a pesquisa no âmbito da educação e da teoria do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Conhecimento; Rousseau.

1 INTRODUÇÃO

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) viveu o Século das Luzes, no Iluminismo, período marcado por ricas reflexões pedagógicas. Nesse período, as mudanças sociais apontavam para o completo esgotamento dos elementos feudais que ainda resistiam, como um Estado atrasado, sob o controle da igreja e de uma camada da nobreza, em face do desenvolvimento do comércio e da burguesia. Os conflitos de classe se manifestavam também na filosofia e na educação: na filosofia, o iluminismo se colocava como aquele que iria combater a religião e exaltar a razão como fundamento do conhecimento; na educação, por sua vez, procurou exaltar a liberdade e a autonomia do homem. É nessa conjuntura que a reflexão pedagógica de Rousseau se estabelece: se opôs às concepções tradicionais de educação e propôs, em sua obra *Emílio*, repensar a formação da criança. A partir desse entendimento, é que se interroga a concepção de educação de Rousseau e sua relação com o conhecimento (ARANHA, 2007).

O Emílio ou da educação, escrito em 1762, é um livro em que o autor procurou repensar os princípios que orientam a formação das crianças e jovens, realçando os elementos que considerava naturais. Por meio da educação, ele acredita que era possível retirar aqueles comportamentos avaliados como corruptos para redimensionar a formação do homem para ser político e moral. Essa perspectiva de Rousseau, em que relaciona a educação com a política, à moralidade e o conhecimento, faz dele um pensador original, o que justifica a pesquisa. O objetivo principal que sustenta o estudo em Rousseau é o de estudar a relação feita por ele entre o conhecimento e a educação, no momento histórico em que prefiguram as doutrinas iluministas, que acreditam nas capacidades da razão e do estabelecimento da educação coordenada pelas políticas do Estado francês.

¹ Acadêmica do Curso Pedagogia do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR, Maringá – PR. Bolsista do Programa de Indução de Bolsas (PROIND). sethygon@hotmail.com

² Orientador, Doutor, Docente do Programa de Mestrado em Gestão do Conhecimento do Centro Universitário de Maringá – UNICESUMAR. Bolsista PROIND. reginaldo.bordin@unicesumar.edu.br



2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia de análise encaminha-se considerando o homem no contexto histórico das lutas políticas e transformações econômicas da França na época do Iluminismo, que antecedeu a Revolução Francesa de 1789. Pretende-se compreender a educação situando-a no conjunto das alterações sociais, procurando formar um novo modelo de homem que não se situava princípios religiosos e filosóficos medievais. Por esse motivo, a pesquisa foi realizada com estudos bibliográficos, desenvolvido a partir do entendimento de que o homem é um ser histórico e a educação um fenômeno coletivo, abrangente, por meio do qual procura corresponder às exigências do momento. Para o encaminhamento deste estudo, privilegiamos uma das principais obras de Rousseau, o *Emílio*, considerado um tratado educacional em que ele expõe os ideais da formação humana.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão conduzida por este estudo considerou a relação entre conhecimento e educação apresentada por Rousseau, especialmente no *Emílio*, escrito em 1762. Nesse livro, Rousseau debateu sobre a formação do jovem, apresentando novos princípios educativos. Entre eles, merece destaque o entendimento de que a criança deveria ser compreendida em suas próprias características naturais. Ressalta como valor o fato de que as crianças teriam que ser mantidas com suas mães e as mesmas amamentar seus filhos. No que diz respeito às atividades desenvolvida pelas crianças, Rousseau propõe o brinquedo, o esporte, e o fato de que a criança teria que ter o contato com a agricultura, para que aprendesse em contato com a natureza. Para ele, a criança tem o seu processo de desenvolvimento e cabe ao educador respeitá-lo, não forçando a viver em uma sociedade cujas regras são antinaturais e consideradas corrompidas (ROUSSEAU, 1999).

Segundo Claudio Dalbosco, encontramos nesse pensador uma crítica ao que considerava ser educação bárbara ou tradicional. Para ele, o modo como os adultos e pedagogos de sua época tratavam as crianças contribuía para corrompê-las ou, como afirmava estragá-las. Sua crítica se dirigia ao fato de que a educação bárbara desrespeitava o mundo infantil na medida em que projetava nele uma ideia de futuro que lhe era estranha e nociva. Além do mais, a crítica de Rousseau, aludida por Dalbosco, se posiciona contra o desinteresse da educação tradicional em conhecer a própria criança, pois considerava que esse modelo formativo desconsiderava a dinâmica do mundo infantil. Nesse caso, ao valorizar uma educação natural, Rousseau esboça uma nova perspectiva epistemológica da educação: rejeita os princípios inatos do conhecimento para afirmar o pressuposto de que o conhecimento e, por extensão, a educação deve começar pelos sentidos. Nesse ponto, Rousseau considerou que a educação não deve iniciar-se com abstrações racionais, para não antecipar coisas com as quais as crianças não estariam preparadas, afim de não confundi-las (DALBOSCO, 2012).

O que se compreende é o fato de Rousseau entender que a criança, em sua infância, necessita de toda liberdade necessária para uma adequada formação, sem que esteja presa a esquemas que a engesse. Essa opção pode ser aludida no período em que as crianças deveriam ser principiadas na formação que, segundo ele, deveria iniciar-se já no ventre da mãe. A própria divisão da obra, em cinco partes, aponta para esse



direcionamento. Na primeira parte, o livro I, Rousseau intitula a idade da natureza que se refere à dos bebês, que vai do nascimento até os dois anos de idade. Aqui Rousseau relata sobre a importância e o objetivo da educação, que, para o autor, são necessários três educações: a educação que vem da natureza, dos homens e das coisas. A que vem da natureza é a que nos torna capazes de aprender, mesmo que não obtenhamos nenhum conhecimento, essa educação não depende de nós. Assim,

O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas (ROUSSEAU, 1999, p.8).

No livro II, Rousseau trata da segunda fase da vida, o desenvolvimento da educação que segue dos dois aos doze anos de idade. Nesta etapa, Rousseau salienta que deve ser o momento de praticar os exercícios físicos e não deixar com que as crianças deixem nos dominar pelo choro. Para ele, a partir dessa fase, o choro é trocado pela fala, portanto, quando se chora muito ela quer nos fazer vencer por ele. Também não devemos privá-los de toda a dor, considerando que é necessário que passem por isso. Porém, é necessário cuidados para que a criança não se machuque, mas não teria sentido se ela passasse por esta fase sem se ferir, crescer sem conhecer a dor (ROUSSEAU, 1999).

A educação que Rousseau propõe nesta fase é oposta à educação bárbara, já que considera o indivíduo um ser moral e que começa a tomar consciência de si mesmo. Ressalta que a humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana e, para isso, é importante considerar o homem no homem e a criança na criança (ROUSSEAU, 1999).

A terceira fase da educação de *Emílio*, referente ao livro III, entre os 12 e 15 anos, Rousseau inicia o seu terceiro capítulo com a seguinte questão: de onde provém a fraqueza do homem? E tem a seguinte resposta: vem de toda desigualdade existente entre sua força e seu desejo. Em outros termos, considera que “nossas paixões que nos tornam fracos, pois para satisfazê-las precisaríamos de mais forças do que as que a natureza nos deu. Diminuí, pois, os desejos, e será como se aumentássemos as forças de sobra e certamente é um ser muito forte” (ROUSSEAU, 1999, p. 201).

O controle dos desejos é uma preocupação maior na adolescência porque Rousseau julga ser esse o momento mais precioso da educação da criança. É nesse período que a força da criança se desenvolve rapidamente, mais do que suas próprias necessidades, embora não seja o período de sua maior força. Diz ser o tempo mais precioso da vida, tempo esse que surge somente uma vez, e é muito curto e, por isso, é preciso ser bem empregado. É um tempo de instruí-lo ao trabalho e aos estudos, tudo provindo da natureza.

Segundo Rousseau (1999), em seu livro IV, com o desenvolvimento educacional, ocorre o que ele considera ser o segundo nascimento do homem. Até esse momento, o pensador de Genebra afirma que meninos e meninas permanecem com a mesma aparência, pois considera que ambos são crianças. Bastam os nomes para fazê-los tão semelhantes. Então, neste período, o homem passa a se tornar verdadeiramente humano, uma vez que, educado, participará da vida social e política. O que Rousseau sugere é o fato de que o homem não nasceu para viver na infância: a natureza instrumentaliza-o a sair, processo que é atribuído à educação. E é nesse segundo nascimento que o homem surge para a vida: as preocupações com brinquedos ficam no



passado, dando lugar as outras ocupações, requisitando a participação fundamental do preceptor.

Entre essas ocupações está o amor. Para ele, a partir do momento em que nos amamos, amaremos também o que nos conserva, e quando a criança descobre o amor inato, amará assim também o seu próximo. Partindo deste princípio Rousseau entende que será fácil ver como podemos nos dirigir com relação ao bem ou ao mal. A partir do momento que ele compreender que precisa de uma companheira, já não é mais um ser isolado porque seu coração já terá uma companhia. Diz Rousseau (1999) que um sexo é atraído pelo outro, considerando como um movimento da natureza. A escolha, as preferências, o apego são obra das luzes da razão (ROUSSEAU, 1999, p.276).

É função do preceptor orientar o desenvolvimento educativo dos jovens, pois deve atentar para possíveis desvios das paixões, da imaginação, da formação preconceitos e aderência às opiniões alheias, comportamentos tidos como perigosos e que devem ser evitados. O que Rousseau propõe, e que sintetiza sua concepção de educação do adolescente, é a formação do jovem para ter compaixão com o seu semelhante. Essa idade inspira cuidados porque é a mais difícil de disciplinar, uma vez que os educandos são mais propícios a não assumir responsabilidades pelo que fazem e mais suscetíveis às paixões desordenadas.

No desenvolvimento educacional de Emílio, o livro V trata do último ato da juventude. Neste capítulo, Rousseau aborda sobre o derradeiro passo de seu aluno, o casamento. O modelo de mulher deve corresponder com a educação recebida pelo Emílio, pois devem compartilhar os sentimentos e os princípios que receberam, para não perdê-los (ROUSSEAU, 1999).

Colabora no processo de formação do jovem Emílio as viagens, com a finalidade de conhecer povos diferentes, outras organizações políticas, econômicas e sociais e também obter contato com novas culturas. Diante todo ensinamento que seu preceptor lhe propôs, ele terá experiência para realizar análise, o que sugere que a educação e o conhecimento passam pela experiência. Com esses contatos, o jovem ampliará e aperfeiçoará o conhecimento sobre a política, condição fundamental para um cidadão. Surge, assim, em Rousseau, a preocupação relativa ao cidadão, que aprecia tanto o conhecimento teórico quanto prático da estrutura do Estado. (ROUSSEAU, 1999)

Para este autor, o conhecimento era fruto do bem estar do indivíduo com a natureza, isto é, se ela oferece maravilhas por que deixar que uma sociedade atribulada corrompa? Com esses pressupostos, os resultados obtidos remetem-se ao entendimento de que as transformações sociais de uma época podem ser compreendidas por meio da educação. Além disso, a educação é convocada pela sociedade a responder as exigências que se estabelecem quando as modificações ocorrem. Assim, o ato de educar indica que a formação do homem fornece os meios e os instrumentos para formar o perfil que o momento histórico solicita. Ainda que o nosso período histórico seja mais complexo do que o do Rousseau, sua abordagem continua atual e rica porque oferece elementos para repensarmos os processos de formação não como atos formais e mecânicos, mas educar para construir sentidos para a própria existência humana (PAIVA, 2007).

4 CONCLUSÃO

Importa considerar que a pesquisa, que teve o propósito de compreender como Rousseau concebeu a educação da criança, entendeu que Rousseau criticou o que considerava ser educação tradicional, sobretudo, os métodos da educação religiosa. Em



contrapartida, no *Emílio*, chamou a atenção para o fato de que se deve levar em conta os diversos e diferentes estágios de desenvolvimento físico e mental do ser humano, esclarecendo o fato de que cada indivíduo é singular e que, portanto, pode ter um ritmo próprio para ser educado, ritmo tal que o educador não deve ignorar sob pena de por a perder o seu trabalho. Mas sim utilizar dela a máxima possível vontade de expandir seu conhecimento. Rousseau, certamente, apontará o *Emílio* para servir de orientação àqueles que querem, ainda hoje, uma educação e uma pedagogia que faça do ser humano um ser pleno, na medida de suas possibilidades.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. História da Educação e da Pedagogia. Moderna, 2007.

DALBOSCO, Claudio A. Educação e formas de conhecimento: do inatismo antigo (Platão) e da educação natural moderna (Rousseau). Porto Alegre: Educação: Revistas Eletrônicas da PUCRS, maio/ago. 2012, vol 35, n. 2, p. 268-276.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/11640/8032>. Acesso em maio de 2013.

ROUSSEAU, Jean - Jacques, *Emílio ou da educação*, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PAIVA, Wilson Alves de. A formação do homem no *Emílio* de Rousseau. São Paulo: Educação e Pesquisa. Vol. 33, nº 2, mai/agos. 2007.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022007000200010. Data de acesso: julho de 2013.